

SOBRE AS SITUAÇÕES PERDIDAS OU POR ONDE ANDARÁ O VIVIDO

About the Lost Situations or Where to Will Walk the Lived

Adilson Camacho Rodrigues

(UNIP, Brasil)

Resumo

A principal questão no texto é a das transformações das circunstâncias e dos lugares das pessoas; transformações percebidas como perdas ou degradação de qualidade. Ponderamos, então sobre nossas perspectivas compulsórias e possíveis: o papel de nossas circunstâncias no sentimentos e na lida com o vivido e a memória. Seguimos a partir da constatação fenomenológica de que situados nos lugares em que vivemos é que encontramos os territórios da experiência como paisagens revividas pelos recursos da memória e passamos muito tempo procurando pelo é perdido. Encerramos esse início da reflexão considerando as referências necessárias para lidarmos com a expressão fugaz das estruturas materiais, culturais e psíquicas em intensas transformações.

Palavras-chave: Transformações e perdas | Geograficidade e lugaridade | O vivido necessário.

Abstract

The main issue is the text of the transformations of circumstances and places of the people; transformations perceived as losses or quality degradation. We ponder, then about our compulsory and possible perspectives: the role of circumstances in our sentiments and deals with the lived and memory. We follow from phenomenological evidence that situated in the places in which we live is that we find the territories of experience as landscapes revived by memory resources and spend too much time searching for is lost. We closed this early reflection considering the references necessary to deal with the fleeting expression of material, cultural and psychic structures in intense transformations.

Keywords: Transformations and Losses | Geographicity and Sense of Place | The Required Lived.

Transformações e perdas: perspectivas compulsórias

“Por mais que o objeto permaneça o mesmo, por mais que eu olhe para ele do mesmo lado, pelo mesmo ângulo, sob a mesma luz, a visão que tenho dele não difere menos daquela que acabo de ter, quando mais não seja porque ela está um instante mais velha. Minha memória está aí, empurrando algo desse passado para dentro desse presente. Meu estado de alma, ao avançar pela estrada do tempo, infla-se continuamente com a duração que vai reunindo; por assim dizer, faz bola de neve consigo mesmo. Com mais forte razão isso ocorre com os estados mais profundamente interiores, sensações, afetos, desejos etc., que não correspondem, como uma simples percepção visual, a um objeto exterior invariável. Mas é cômodo não prestar atenção a essa mudança ininterrupta e só notá-la quando se torna grande o suficiente para imprimir uma nova atitude ao corpo, uma nova direção à atenção” —**Henri-Louis Bergson** (2006:2).

“Ocorre com o movimento como com a transformação: quando digo que o faquir transforma um ovo em lenço, ou que o mágico se transforma em um pássaro no teto de seu palácio, não quero dizer apenas que um objeto ou um ser desapareceu e foi instantaneamente substituído por um outro. É preciso haver uma relação interna entre aquilo que se aniquila e aquilo que nasce; é preciso que um e outro sejam duas manifestações ou duas aparições, duas etapas de um mesmo algo que alternadamente se apresenta sob essas duas formas. Da mesma maneira, é preciso que a chegada do movimento a um ponto seja uma e a mesma coisa que sua partida do ponto ‘contíguo’, e isso só ocorre se existe um móbil que, de um só golpe, abandona um ponto e ocupa um outro”. —**Maurice Merleau-Ponty** (1999:365-6).

Assim, em meio a esse impulso das coisas e pessoas ao movimento, e da *sensação de perdas* e descaminhos em regiões importantes de nossos vínculos com a Terra, é que nasce esse breve ensaio.

A sensação de degradação é oriunda do próprio modo de vida que segue acuado e ilhado na superfície dos oceanos de sentidos históricos ou apenas possíveis, apesar de continuamente corrigida pela consideração dos demais horizontes e fluxos de experiências responsáveis pelas transformações dos mundos, daqueles intuídos (apreendidos indiretamente, por informação, por exemplo) àqueles pelos quais nos movemos e que são campos de nossas percepções. E os vínculos referidos constituem nossa *geograficidade*, tecida por fios dos usos que fazemos da terra (pedaço de espaço que ocupamos), e por nossas vidas nela emaranhadas; é unidade ou Terra (planeta), também chamada natureza, formada das dimensões física, orgânica, psíquica e cultural.

A preocupação, inicialmente, dava-se com aquilo que estávamos tomando como perdas generalizadas nos principais vínculos entre o ser humano e seu mundo próximo, o de cada um e aquele distante e de todos, perdas tanto na *geograficidade* quanto na *lugaridade*, ligações essenciais. O que significa, trocando em miúdos, que as coisas e os lugares conhecidos (isto é, a própria natureza!) nos escapam cada vez mais rapidamente. E por meio da experiência e da reflexão era seguro que observávamos transformações, antes de serem negativas ou positivas, mas cuja qualidade aparentemente distorcida segue sendo ajustada pelo caminhar das sucessivas percepções singulares e generalizações que a todos envolvem.

Ultrapassando o nível mais elementar das *sensações* chegamos à *percepção de transformações*. Percepção motivada pela procura do debate e que passa a evocar qualidades de superação da dicotomia entre **degradação** e **melhoria**, estas normalmente tomadas de acordo com o engajamento político que incide sobre a percepção do que se convencionou chamar “modernização”; as mais das vezes conservadora e destruidora das formas (de vida, de capital) com crescente agregação tecnológica, tornando possível a ideia de criatividade conservadora, principalmente dos circuitos e dos mecanismos básicos de produção e reprodução sociais, com formas distorcidas oferecidas como inovadoras.

A constatação prévia, ainda irrefletida no campo das sensações da experiência incipiente, requeria exame mais profundo nas mudanças e transformações do movimento da vida que nos leva e ata ao mundo, com seus padrões e motivações. Assim, para cada sensação da perversidade das fórmulas conhecidas e desigualdade ou aparente corrupção na *geograficidade* identificada, pudemos vislumbrar sua contrapartida subjetiva e social; democrática ou não. Assim, *ganhar* e *perder* são, precipuamente, faces políticas e fenomênicas da história correspondentes às posições sociais que ocupamos (as perspectivas são engendradas pelas localizações), cujos exemplos passam por espectros ou qualidades também cognitivas, e seletivas, como aqueles das maiores velocidades cotidianas com menor tempo de fruição, observação, atenção, compreensão, etc., aqueles ligados aos tipos de alimentos comercializados em massa, além de importantes variações da densidade moral. *Daí, o título da seção.*

Nosso argumento é o de que vivemos as transformações, as alterações nas paisagens cada vez mais velozes e profundas, imersos nos lugares de nossa situação (ação

situada), procurando incessantemente repor os "conteúdos", objetos e lugares perdidos, gerando conexões ou caminhos, em princípio distintos do "original" que, todavia não o excluem, podendo até mesmo convergir. Contudo, parece que somos levados a errar angustiados em busca de paisagens inexistentes, nunca mais plenas e cuja alternativa é dominar as determinações provenientes do espaço abstrato geradoras das referidas transfigurações dos lugares e dos vínculos.

A noção de perdas acomete a existência em múltiplas dimensões, no plano teórico-conceitual são transformações da estrutura (em movimento), o que aparece como transformação, enquanto no nível das sensações e da percepção o movimento aparece como falta, no sentido metafísico, de perdas intrínsecas das formas que deixaram de ser de um modo para ser de outro... É assim que o espírito do tempo se manifesta, que podemos apreender o movimento, que o movimento atravessa-nos.

O mote aqui é a condição de desgarre progressivo dos horizontes assimilados ao longo da vida, a conseqüente vertigem das situações, mais movediças que antes, além do embaralhamento das referências morais e técnicas. Qualificamos como perversas tanto as determinações apoiadas em crescente desenraizamento, quanto o trabalho com degradação dos saberes e fragmentação do compartilhamento de sentidos coletivos; enfim, tudo que impeça lançar mão da profundidade e da comunhão.

Se a técnica, tomada como cultura material podia ser intrinsecamente vivida numa comunidade estruturada em forma de aldeia, tal organicidade vem sendo desconstruída pelo fracionamento gerencial de organizações verticais e hierárquicas cujas determinações são meramente instrumentais, extrínsecas e impostas aos lugares.

Marca de nosso tempo é a baixa qualidade de participação na elaboração dos sistemas técnicos coletivos, anunciados públicos e tornados privativos em sua espacialização como paisagem, rebaixamente que está entre os desdobramentos mais importantes desse alijamento da própria essência organizacional, pois na malha técnica assim planejada e gestada chafurdamos todos, como advertia Milton Santos apontando a categoria de meio técnico científico informacional como redução simples do mundo.

Escapa-nos, desse modo, até mesmo a origem e a extensão das maiores *entropias*

socioambientais, tanto nas escalas próximas quanto nas mais abstratas, tais como:

- falta de escolha democrática das grandezas das cidades, dos equipamentos e de sua distribuição territorial;
- constituição das cadeias produtivas e circuitos financeiros e consumo de recursos naturais inadequados à produtividade socioambiental;
- péssimas expressões de sociabilidade.

Tudo em mutação? O discurso predominante traveste a redução conservadora (do ponto de vista político) da homogeneidade gerencial de transformações profundas, acarretando vertigens fora do microcosmo imediato, isto é, os contextos volatizam-se e repulsam-nos quando espiamos para fora da janela de nossos endereços conhecidos; tonturas muitas vezes tomadas por pós-modernismo. Parece haver conforto e segurança somente na conduta de avestruzes. É desse desgarramento o retrato de "*Até o fim do mundo*", de Wim Wenders (1991), em que tudo vai do sistema solar aos devaneios solitários de cada indivíduo (em sua vida mental), e destes para o espaço sideral, novamente.

Para superarmos os perigos do elo solipsista, são necessárias as ligações da memória que se apresenta como processos psicossociais auto-organizados e ressurgentes, como quer Piaget citado por J. Le Goff (1990:368), mas também da memória passível de ser manipulada pelos aparelhos "educacionais" e seus instrumentos, no sentido de que fala Foucault. Porém, o ideal de organicidade (ou geograficidade) é o grande motivo das buscas por lembranças, por identidade.

Seguindo o raciocínio das perdas, perdas principalmente de sentidos intrínsecos às atividades situadas nos planos concreto (físico e orgânico), emocional e simbólico que levariam à *dissociação* e *degradação* das condições de vida no transcurso do tempo, chegamos ao estado de coisas em que não se escapa da deterioração das formas e dos conteúdos das relações de criação e de conhecimento sobre esses mundos criados. Quanto a ciência e a arte detêm do mundo, principalmente da Terra originária?

Trata-se de uma dissociação variável e sempre relativa na unidade sujeito-objeto/produto com as perdas do sentido promovidas pelas construções simbólicas feitas

com medo, sangue e fanatismos agora universais, conseqüente à precisão das atribuições de papéis na nova ordem produtiva a cada componente dos grupos, na desorganização de saberes e fazeres vernáculos cimentados pelas narrativas de sentido, míticas.

Já a degradação que se expressa na situação vivida do título, das ações sem sentido que como tais remodelam nossa identidade como hordas de *Sísifos* procurando *reespacializar* e *restaurar* lugares onde não mais estamos, que não mais existem; o passado intuído e imaginado, porém já um “país estrangeiro” Lowenthal (1989:73). Dito de outro modo: as maneiras originais, desenvolvidas com o próprio lugar, de se fazerem as coisas constituíam-se permeadas de significados e justificativas, ritualizadas e valorizadas junto com as posições ocupadas pelos membros do agrupamento; posições na estrutura social expressas espacialmente.

Modernizar é, nesse contexto de degradação dos sentidos originais, implantar novos sentidos aos papéis, aos materiais e aos laços socioambientais. Trata-se de modernização, ao modo das verticalidades de Milton Santos (1994:54-6) ou da ordem distante de Henri Léfèbvre (2001:52-4) quase sempre de qualidades abstratas, exteriores às vocações e necessidades originais dos lugares.

J. M. Paulo Serra (2008:7) relaciona referências epistemológicas e éticas como fundamentos de outras relações, entre manipulação (no sentido pejorativo) e “habitação” (no sentido de pertinência e enraizamento) do objeto geral das ciências postas por Maurice Merleau-Ponty. Serra afirma que a atitude do homem e da ciência modernos face à Natureza pode ser caracterizada mediante o termo “manipular”, diferente da atitude do homem do neolítico e de sua “ciência do concreto”, que caracteriza pelo termo “habitar”. Para Merleau-Ponty:

“A ciência manipula as coisas e renuncia a habitá-las. Para si estabelece modelos internos das coisas e, operando sobre estes índices ou variáveis, as transformações permitidas pela sua definição só se confrontam de quando em quando com o mundo atual. Ela é, sempre foi, esse pensamento admiravelmente ativo, engenhoso, desvolto, essa opção de tratar qualquer ser como 'objeto em geral', ou seja, ao mesmo tempo como se não nos fosse nada e se encontrasse, no entanto, predestinado para os nossos artificios”. Maurice Merleau-Ponty (1992:13).

Diante do embaralhamento da existência, temos a atualidade do vivido (do espaço vivido), que supõe fluxos constituintes em espirais recorrentes, tidas as mais das vezes por utopias, no mau sentido. CAMACHO e GERALDES (2010). Logo, perguntamos pelo cabimento do “corpo-sujeito” procurar suas raízes e origens para “atualizar” sua geografia existencial (situação), encaixando-se e desencaixando-se continuamente conforme a enxurrada de lembranças ou recordações reativam as regiões inconscientes da experiência, trazendo e afastando imagens de vivências nem sempre de fácil quantificação, mas identificável pelas diferentes intensidades. BERGSON (1988:12-4).

Em aguda reflexão sobre os vários mundos de Edmund Husserl, J.M. Salanskis (2006:19-21) traz a noção de “fluxos dos vividos” por esses vários mundos que, assim, são constituídos e integram a via husserliana de compreensão da realidade, posto que o *lebenswelt* (mundo da vida) seja simultaneidade de acontecimentos em movimento. É também o que anuncia Maurice Merleau-Ponty (1999:109-110) a propósito de sua crítica à ciência moderna por seu esquecimento das origens do conhecimento por ela adquirido, isso calcado numa espécie de apagamento do percurso do senso comum, o mundo da vida de onde deve partir todas as questões. MERLEAU-PONTY (1991:106-7; 1999:6; 2006:224,248).

Uma das condições à reflexão, segundo esse autor, é que estejamos conscientes de nossa situação, de onde olhamos, percebemos o mundo para, em seguida, pô-la em questão. Eis a importância dos lugares, como segue:

Os fenomenólogos, quando se referem ao ser-no-mundo, falam da essência de nossa existência, que é existir em situação. Somos seres-em-situação, o que significa que constituímos e desvelamos o mundo, a partir de nossa individualidade de ser. (HOLZER, 2015:21).

Imbuídos desse valor do espaço vivido e de seus tempos para a existência, alinhamo-nos às reflexões de Bergson (2006:16-7,34;38) sobre nossos diferentes atos de consciência que desencadeiam durações distintas e coexistentes, e àquelas de Lowenthal, para quem tais atos configuram o modo fragmentário de acesso ao conhecimento, para quem ao trazer a preocupação com a duração e a relação com o vivido à geografia, Lowenthal (1998:66), apresenta três fontes de conhecimento do passado: *memória*,

história e fragmentos, ao modo de Bergson que enuncia a equivalência da memória aos graus coexistentes de duração. Bergson (1999:150).

A duração (memória) em seus graus coexistentes remete à multiplicidade de durações possíveis e suas sínteses. Bergson (2006:55-7). O autor adverte reiteradas vezes sobre as notórias confusões entre percepção e lembrança. Sem perder esse fio, Maurice Merleau-Ponty lembra-nos da intersubjetividade que nos leva do singular ao mundo compartilhado, quando nos aponta o exemplo da verdadeira batalha de Waterloo, como sendo “um objeto determinável, ela é aquilo que advém nos confins de todas as perspectivas e da qual todas estas são extraídas”. (1999:129,486-7).

E, assim, Merleau-Ponty reflete sobre a “*ecceidade*” do mundo, sua unidade que “se degrada e se pulveriza com a distância temporal e espacial”, concluindo que apenas em ideia tal unidade (do acontecido com o acontecendo) mantém-se íntegra. O filósofo fala do compartilhamento consciente de objetos, com o exemplo da paisagem presenciada por sujeitos diversos, na base do encontro (no coração da individualidade e do sujeito) entre universalidade e mundo. (1999:544). E na esteira de sua tese sobre o inacabamento e contínua constituição do mundo (1999:544), adverte:

“Nunca o compreendemos enquanto fizermos do mundo um objeto. Logo o compreendemos se o mundo é o campo de nossa experiência, e se nós somos apenas uma visão do mundo, pois agora a mais secreta vibração de nosso ser psicofísico já anuncia o mundo, a qualidade é o esboço de uma coisa, e a coisa é o esboço do mundo”. (1999:544).

Werther Holzer propõe um deslocamento do foco do espaço geográfico para o de mundo, pois haveria uma inequívoca mundanidade em nossas vivências espaciais, mais genuinamente geográficas. Werther Holzer (2012: 302).

Mundo é a essência espacial mais introspectiva, mas pode, ao mesmo tempo, expressar uma determinada geograficidade compartilhada por bilhões de pessoas, a partir de atitudes comuns do ser-em-situação, ou seja, como já enunciei em outro texto, pela redução, como volta às experiências originais de nosso mundo mais original, que permite aos seres-no-mundo, tornarem-se, dialogicamente, seres-em-situação, ao compartilharem coisas (termos). (HOLZER, 2015:20)

Posto o problema das perdas, surgem mais questões:

. No que nos prendemos e como nos fixamos quando nos *envolvemos* e *desenvolvemos* com as coisas no meio no qual tomamos forma e com ele nos transformamos? Perguntamos aqui sobre os vínculos responsáveis pelo enraizamento e sobre como se comportam no movimento; este, cada vez mais radical.

. Qual é o cabimento do sujeito em busca do vivido e de manutenção de seus espaços, de sua compreensão histórica, de fato? Perguntamos sobre expectativa de estabilidade no fluxo dos vividos. Esse movimento leva-nos à discussão sobre a estrutura das coisas, das formas e de seu comportamento, à memória e às lembranças construídas.

A ideia e a sensação de perdas a um só tempo individuais e universais são tributárias da noção de qualidade da vida contemporânea, não ao modo de certezas, mas como problema a ser enfrentado. Nessa questão há, no mínimo, dois lados avistados quando estamos em cima da *corda bamba de nossa existência* e procuramos as *paisagens* de nossas existências: *de um lado*, trazidas pela confiança na historiografia permeada de imagens precisas e idílicas da natureza perfeita, vêm como passado de transparência duvidosa, e *de outro*, como projeções (para frente e para trás) ancoradas em crenças nos discursos enviesados de cientificidade um tanto calcadas em esperanças do senso comum nas melhorias imediatas do meio tecnológico. Ambas as perspectivas acrílicas do observador da corda móvel, tanto aquela que representa a onipotência e ubiquidade do pensamento científico quanto aquela que de modo prismático fabrica ou manipula a realidade vivida (LOWENTHAL, 1998b), amparam-se na intuição ou em crenças que preenchem as lacunas do raciocínio lógico e das práticas experimentais e, a partir nas noções de “mundo da vida” (a *lebenswelt* de Edmund Husserl) e de “fé perceptiva” (no mundo natural a ser superado, segundo Merleau-Ponty) estão amparadas nos “pactos de confiança” que empreendemos na base do compartilhamento do mundo; fé nos sentidos, nos discursos, no aparato normativo, na episteme vigente e assim por diante. CAMACHO (2008:47ss). Trata-se de alicerçar o conteúdo científico nas crenças e convenções determinantes das fronteiras entre realidade e ilusão.

Na caminhada ao longo da corda experimentamos volatilidade, variação de pontos de vista e amarração do percebido e atamo-nos com *fé*, ora precária ora fervorosa, tanto às paisagens inalcançáveis no passado quanto no futuro. Precisamos ir além da retórica e das referências inócuas, sejam *passadistas*, divinatórias ou “*tendencistas*”, que apontam para o futuro.

Corda bamba, em meio à insegurança de nossa situação e sob a colisão de racionalidades parciais baseadas na concentração espacial de objetos técnicos com crescentes valores agregados

sem mediação ética, com calamitosa cisão entre necessidades primárias e a oferta de produtos cuja importância foi decidida pelos “integrados” de Umberto Eco (sujeitos atrelados aos sistemas de poderes vigentes com os quais se confundem). A contradição remete aos anúncios de expansão de normalidade democrática ocidental. Integrados, aqui, são os entusiastas de qualquer aumento do montante e da velocidade na remuneração do investimento do empreendedor; isto é, melhores condições para o controle seletivo do capital.

A validade (cientificidade, para alguns) dos instrumentos de ciência mobilizados na captação da realidade sempre envolveu um questionamento sobre a complexidade das crenças que sustentam nossos saberes e conhecimentos, até mesmo aquele considerado formal, sistemático. A imagem da corda bamba como situação movediça contrapõe-se aos ideais rígidos das principais vertentes do positivismo.

É assim que a memória entrou na reflexão, em virtude dos limites impostos à aproximação que não descarta o movimento (nem do ponto de vista) e pelas mudanças em geral de que estamos falando. Do alto da corda bamba o passado tal como avistado é terra de sentido, e por isso de desejo, imaginação e frustração, apenas cabível como momento de métodos regressivos; entretanto, o passado é um *parâmetro duvidoso* na construção do futuro. O futuro, terra do imponderável, desafia o razoável em busca de garantias com projeções e funções de tendências, às quais teimosamente resiste enquanto acontece. Ou seja, haverá perdas: quando o passado for uma terra romanceada, idílio perseguido; e quando diante de possibilidades aparentemente irrestritas do futuro (com projeções embasadas na confiança dogmática em cálculos e simulações), as paisagens do passado a escapar-nos-á das redes lançadas pela razão.

Em uma visão bem otimista de Merleau-Ponty:

"A memória é fundada pouco a pouco na passagem contínua de um instante no outro e no encaixe de cada um, com todo o seu horizonte, na espessura do instante seguinte. A mesma transição contínua implica, na percepção que daqui tenho do objeto, o objeto tal como ele está ali, com sua grandeza 'real', tal enfim como eu o veria se estivesse ao lado dele". (Maurice Merleau-Ponty, 1999:358-9).

Se por um lado a busca pelo presente e pelo passado (este, com outros presentes) têm similaridades quando considerados como horizontes que se impõem à experiência e ao raciocínio, trazendo desafios cognitivos e filosóficos à aproximação. Mas é o passado, como nos aponta Lowenthal, que traz maiores desafios para alcançá-lo (1998a:64-5).

As mudanças na natureza idealizada já vêm de muito longe, porém, tal imagem dos lugares no tempo não nos dá segurança da qualidade dos ideais, motivações reais e movimentos de preservação da natureza. Além disso, o conceito de natureza é cultural (portanto, místico, mítico, além de científico) e muda conosco, daí sua variação e relatividade. As noções mais difundidas de degradação ambiental, impactos e riscos socioambientais, não são unanimidades, implicam debate e são tão dependentes do encaminhamento estatístico das ciências ambientais quanto do mapeamento e identificação da procedência da própria noção de qualidade para os grupos sociais. Importantes considerações são feitas por Jörn Seemann (2010:116-119;167).

Os padrões tecnológicos e culturais de qualidade são diversos e explicam as espacializações das forças que capitaneiam os processos decisórios dos interesses corporativos, e dos demais grupos com participação secundária nesse jogo pela familiarização e identificação com os lugares. Indivíduos e grupos buscam identificação com seus entornos e para tanto seus usos imprimem marcas significativas num processo de territorialização, como os “geossímbolos” de Bonnemaïson⁸.

O que queremos dizer é que há danos na unidade físico-cultural que constituímos como realidade, ao mesmo tempo em que há imenso esforço, viabilizado pelo poder empossado, empregado no aumento de eficiência da gestão dos recursos ambientais, ocorrendo crescimento dos capitais corporativos junto com empobrecimento generalizado no imensos contingentes populacionais com acesso restrito à riqueza global. Esse processo é amparado numa desqualificação do aprendizado coletivo e de seu exercício ritual, ambos genuinamente territorializados; o que desfigura saberes intrínsecos do trato dos materiais úteis à existência, desde a comida única de um lugar e, portanto do paladar de cada um e do gosto das coisas, passando pela musicalidade, pelos odores característicos de uma cultura (unidade homem-meio).

Logo, mais uma questão: como sustentar o discurso da qualidade (calcado na modernização) de vida com as perdas de referenciais “reais” e implante de modelos virtuais ou exteriores às vivências? As mudanças são progressivamente aceleradas e o mundo perde, paradoxalmente, as condições de ecúmeno, com solidez insuficiente para as raízes, tornando-se volátil, misturado...

Com cautela para não abusar das metáforas dos estados da matéria (líquido, sólido, gasoso) aplicadas à vida social, Michel Serres apresenta suas razões para a superação histórica da

8 Um geossímbolo (géosymbole) pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma extensão que, por motivos religiosos, políticos ou culturais toma para alguns povos e grupos étnicos, uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade. (1981:256).

solidez (ou rigidez) do mundo que se transmuta em liquidez, o que é visto também por Zigmunt Bauman (2001; 2014), embora Serres aponte as dificuldades metodológicas do trato da realidade como composto liquefeito ou fusão de coisas, indivisas, apontando a figura do tecido como configuração privilegiada do real, permitindo com suas tramas abarcar os acontecimentos e as coisas. Serres tenta, desse modo, evitar a confusão ou solução do meio líquido, trazendo à reflexão as ideias de mistura e de tecido. (2002:77-8; 111; 163).

A analogia com o tecido é algo íntimo ao geógrafo, pois muito bem evoca paisagens com suas texturas e cores como expressão dos usos de cultivo, criação, indústria, redes as mais diversas, sejam revestidas por "mato" ou asfalto; além dos sentimentos e experiências baseados na percepção atribuindo e captando sentidos, como na mistura de Serres.

Olhar para a trama socioespacial de usos dos recursos ambientais favorece a visão de unidade das relações entre as pessoas e seus entornos, remetendo à integração das naturezas física, orgânica e cultural do mundo nas paisagens e é nessa direção que seguimos.

Na base tanto dessa unidade do real quanto de seu conhecimento, Edmund Husserl (2004:28ss) identifica a modernidade com sua fragmentação promovida por uma matematização (entendida como redução de possibilidades) desse mundo, no que é acompanhado por Maurice Merleau-Ponty (1999:) e Eric Dardel (1991:2-7), entre outros. Voltamos à desolação de que fala Paulo Serra baseado em Merleau-Ponty, em sua episteme, método e procedimentos: a matematização do mundo que envolve excessivas crenças nas engenharias politécnicas em um meio progressivamente mais abstrato com suas promessas tecnológicas de reposições artificiais da perda de organicidade daquele universo de coisas erigido *pari-passu*.

Os perigos, como aqueles dos quais nos adverte Milton Santos (2006:101-2), são de uma crescente artificialidade e instrumentalismo que denomina “sociedade dos tradutores”; que passam a ser necessários à manipulação de toda a camada de tecnologia que se interpõe e afasta-nos das soluções originais e com sentido para lidar com o mundo. Tais soluções eram “habitadas por nós”; técnicas ainda conhecidas na extensão de sua elaboração e reconhecida em sua especialização. Miranda (2008) aponta os fracassos e crises nas sucessivas tentativas de forjar e implantar os *nomos* da terra (algo próximo de *organizações universais*) tomados historicamente como fundamentos das tentativas de racionalização e império sobre a natureza, a exemplo dos grandes modelos de apropriação e produção de recursos e bens. (2008:60-3).

A integração do conhecimento como objetivo de nossa caminhada envolve instrumentos teóricos e práticos, requerendo a superação da simples colagem daquilo que foi quebrado pela

análise, superando, portanto, a simples decomposição de “fenômenos complexos em pedaços a fim de compreender o comportamento do todo a partir das propriedades das suas partes” e para além da concepção da natureza baseada na “divisão fundamental de dois domínios independentes e separados - o da mente e o da matéria”. F. Capra (1997:24).

F. Capra refere-se à linhagem de pensamento que põe a imagem do “mundo como uma máquina perfeita governada por leis matemáticas exatas” (1997:25) alinhada pela tradição que associa a seu modo Descartes e Newton, e que nos evidencia a necessidade de contrapartida com as filosofias de junção, como a de Merleau-Ponty. L. D. S. Moutinho (1998).

Qualidade é atributo físico e metafísico, constitutivo, das coisas do mundo dos seres humanos. Logo, deve haver certa clareza sobre a qualidade de que se está tratando quando se propõem medidas e limites à natureza, algo fica em suspenso, pois é preciso que as promessas pertinentes àquilo que vem sendo chamado de desenvolvimento sustentável discrimine seus objetos e intenções reais, assumindo seu caráter utópico, e não por isso descartável diante dos *resultados irracionais* de uma *racionalização produtiva* centrada na lógica da concentração socioespacial de atividades e cadeias produtivas. Bruseke (1996:118-120).

Cindido, fragmentado e baralhado em pleno processo de globalização do capital, o “mundo digitalizado” é apresentado com o finalismo da harmonia da “ciência da gestão de empresas” equiparada ao pensamento administrativo generalizado, que apresenta a vida social como todo organizado e coerente cujas eventuais “aparências” de divisões devem ser vistas como anomalias temporárias a espera de ordenamento pelo sistema, “momentaneamente” desequilibrado.

Os problemas advindos desse tipo de homogeneização do amplo espectro dos estilos de vida são retratados com detalhes por Alfred W. Crosby (1988), em seu “imperialismo ecológico”, mostrando a produção europeia das pautas e indicações que vão de cardápios à agenda industrial, baseadas em suas próprias necessidades. Assim, a natureza é negada como totalidade, é contabilizada e a solução prometida, dizem, virá via mercado (que promove a ilusão com a roupagem tecnológica da seleção e da concentração), em frentes como a da biotecnologia, do zelo pelas marcas e patentes.

A busca da natureza total é intuição e condição à *espacialidade das perdas* reais ou sentidas; perdas tanto de ambiente, do qual nos afastamos, quanto de riqueza coletiva comunitária, quando comparamos tal espacialidade ao acesso social concentrado e restrito a segmentos populacionais em áreas privilegiadas. É requerida uma alternativa, um contraponto à segregação da natureza conhecida (e desconhecida), negada como tal pela racionalidade contábil que a coloca

no ciclo da mercadoria, da monetarização ambiental. Laymert Garcia dos Santos (2003:25-33).

A fragmentação é estratégica, vem pelo “*especialismo*”, pela “*enormização*” ou agigantamento das coisas (mesmo quando se miniaturizam), afastando-as da escala humana, da dimensão da vida e, no que diz respeito ao que já foi vivido, a fragmentação dos atos de consciência pode ser objeto de busca metodológica, como afirma Lowenthal (1998:66-7).

A geografia ciência, nesse ínterim, sofre perdas e ensaia recuperar sua integridade, aqui, também em seu sentido ético; por isso ciências naturais e sociais, junto com a filosofia, devem trabalhar uma *episteme do encontro* entre suas especificidades. Vamos ao encontro!

Lugares vividos, paisagens revividas; o que é perdido!

"A palavra-princípio Eu-Tu só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade. A união e a fusão em um ser total não podem ser realizadas por mim e nem pode ser efetivada sem mim. O Eu se realiza na relação com o Tu; é tornando Eu que digo Tu. Toda vida atual é encontro". (...). "O Eu da palavra-princípio Eu-Isso, o Eu, portanto, com o qual nenhum Tu está face-a-face presente em pessoa, mas é cercado por uma multiplicidade de 'conteúdos' tem só passado, e de forma alguma o presente. Em outras palavras, na medida em que o homem se satisfaz com as coisas que experiencia e utiliza, ele vive no passado e seu instante é privado de presença. Ele só tem diante de si objetos, e estes são fatos do passado". Buber (2001:49-50).

"A geograficidade, que expressa a materialidade do espaço geográfico, é compartilhada em nossas vivências cotidianas com a lugaridade que, por sua vez, expressa exatamente essa relação dialógica dos seres em movimento com lugares e caminhos que, como pausa, como convivência íntima, arrumam e delimitam os espaços". HOLZER (2015:24).

"Seja como marca, seja como matriz, a paisagem é uma expressão física da ação do homem sobre a natureza, e por extensão, um receptáculo de memória". HOLZER (2000:114).

A vida de nossas experiências dá-se nos lugares, e o mais próximo que chegamos de resgatá-las é na forma de paisagens as quais ajudaram a forjar, com as quais se amalgamaram. Assim, entramos pela porta aberta por Martin Buber ao enunciar a máxima estruturadora que localiza as relações objetivas, expressas pelo Eu-isso, no passado, e aquelas essenciais, do Eu-Tu

instauradoras do presente, pois "o essencial é vivido na presença, as objetividades no passado". (2001:50). E confirma: "Presença não é algo fugaz e passageiro, mas o que aguarda e permanece diante de nós. Objeto não é duração, mas estagnação, parada, interrupção, enrijecimento, desvinculação, ausência de relação, ausência de presença". Buber (2001:50).

Objetos ou camada objetiva de ações e ideias, tornadas natureza envolvente à qual nos dirigimos continuamente, o Isso com o qual me encontro; já o Tu encontra-se comigo por "graça", num "ato essencial", "em relação imediata com ele" configurando a "ação do ser em sua totalidade como suspensão de todas as ações parciais, bem como dos sentimentos de ação, baseados em sua limitação".

Ao afirmar que "não se supera esta dualidade fundamental (das objetividades passadas e da relação com o Tu atual) pela invocação de um 'mundo de ideias', como um terceiro elemento acima de quaisquer contradições", Buber (2001:50) está muito próximo de Merleau-Ponty quando este anuncia a parcialidade da "visão panorâmica" do mundo; como segue:

Para uma filosofia que se instala na visão pura, no sobrevoo do panorama, não pode haver encontro com o outro: pois o olhar domina e não pode dominar a não ser coisas, se cai sobre homens, transforma-os em manequins movidos unicamente por molas. Do alto das torres de Notre-Dame não posso, quando quiser, sentir-me em pé de igualdade com aqueles que, encerrados nestes muros, prosseguem minuciosamente tarefas incompreensíveis. (2005:81).

As reflexões de Maurice Merleau-Ponty sobre os espaços "não-objetivantes" (1999:394) e de Martin Heidegger sobre a natureza das coisas abriram-nos possibilidades de pensá-los, esses espaços "naturais" ou primitivos aos quais todos nos ligamos ou "misturamos" por meio dos vínculos de criação, produção, manejo a partir das coisas. Sujeito e coisas localizados estão na base da geografia.

M. Heidegger (2002:20-1) acerca-se da coisa para desta oferecer uma perspectiva organizada em busca das essências, com base nas filosofias clássica e kantiana. E coisa, para o filósofo, é tomada a partir das coisas de nosso redor, "esta coisa" (campo dos pronomes demonstrativos, como a proximidade indicada pelo "isto"; a *istidade*), analisa-a exaustivamente procurando um "terreno sólido" de um invariante (o incondicionado), a *coisalidade*.

As perdas que queremos apreender aparecem como tais, primeiramente, no mundo da atitude natural em que estamos em meio às coisas, como mudanças ambientais geralmente associadas a degradações do ambiente e nos estilo de vida. Podem ser, com mais acuidade,

percebidas como transformações, e aí sim, com ganhos além de perdas sob olhar analítico que delimita as sensações e as impressões, que não vamos descartar. Dessa relação geral surge o mote da seção: uma discussão sobre o potencial interpretativo das perdas e dos caminhos de preenchimento de sentido da situação humana em meio ao mundo genérico, abstrato por ser distante, no espaço e ou no tempo, da ação situada. Reiteramos que Maurice Merleau-Ponty corrobora essa expansão das vivências individuais. (1999:129,486-7).

É sediado em um lugar, com o qual estabeleço horizontes, que conheço e apreendo as coisas com as quais me relaciono, assim experimentando as qualidades espaciais próprias à minha circunscrição. HOLZER (2015:21). Lugar é aqui mundo de significados organizados em torno das noções de corpo, distância, direção, de um receptáculo de memória. HOLZER (2000:114).

A viagem arquetípica de retorno do mundo aos lugares (Camacho, 2008) também é fundamental, pois se lugares outorgam espaços, como muito bem nos mostrou Heidegger e Merleau-Ponty, os mundos validam lugares. Esse conhecimento dos mundos, dos espaços e dos lugares é “intuitivo, eidético e inerente à nossa situação de ser-no-mundo, o que faz de todos, geógrafos”. HOLZER (2015:22).

Werther Holzer cita Tuan ao mencionar que a dimensão das aspirações pessoais é “uma realidade que deve ser compreendida da perspectiva dos que lhe conferem significado” e todo sentido dá-se nos lugares, cujas vivências estão enraizadas “no passado e incrementando-se com a passagem do tempo, com o acúmulo de experiências e de sentimentos”, seja como marca, como matriz, a paisagem é uma expressão física da ação do homem sobre a natureza, e por extensão, um receptáculo de memória. HOLZER (2000:113-114).

As perspectivas transformando-se noutras, desmantelando-se junto com os vínculos que nos prendem aos lugares, trazem novamente ao raciocínio as indagações e conjeturas já postas acerca das possibilidades de nossa fixação aos lugares. E se considerarmos a trama de objetos e sujeitos coparticipantes de sua constituição, voltam ao foco do texto, neste momento, as transformações ao atentarmos para o viver e reviver situações: no que podemos nos segurar se tudo desaparece?.

Um caminho a trilhar na questão é oferecido por Joel Bonnemaïson ao afirmar que para além do conhecido território está o “espaço estrangeiro”, pois a territorialidade “inclui aquilo que fixa o homem aos lugares que são seus e o que está além do território, ali onde começa ‘o espaço’”. APUD Holzer (2015:25). Espaço responsável pelas reorganizações territoriais instrumentais dos lugares, pois é de onde vem os influxos extrínsecos e abstratos, estrangeiros como os eventos

buscados no passado, para Lowenthal (1998).

Tudo indica que no lugar antes conhecido e agora devastado, não sabendo mais como e o quê encontrar, impõem-se "conteúdos" substitutos desse *além-territorial*, próprios do espaço distante.

Falamos de viver e reviver com ajuda das possibilidades exploratórias do movimento circular proposto por Ruben Alves referindo-se a Roland Barthes, trazendo-nos o seguinte:

“E o fim de todas as nossas explorações será chegar ao lugar de onde partimos e conhecê-lo então pela primeira vez'. Os caminhos da alma são circulares, voltam sempre ao princípio. Ao final de sua longa caminhada de toda a vida pelos caminhos da ciência, ele se descobre chegando ao lugar de onde partira: o lugar da criança”. Rubem Alves (2011:74).

Somos em nosso movimento para o passado como o migrante que busca "lugaridades" e "coisalidades" (CAMACHO, 2008:31,34-5) em sua rota a procura de algo que misture o assédio do novo com mundos perdidos, que complete sua experiência tanto com objetos e ambientes já conhecidos, contudo transfigurados, quanto com aqueles que sequer teve experiência e procura incorporar. Busca por aquilo que persiste de sua identidade em alhures construída.

Em Maurice Merleau-Ponty (1999:394) a unicidade da experiência (situada nos lugares) é construída com base nos atos objetivantes do espaço humano e não-objetivantes próprios ao espaço natural na unicidade do lugar. A natureza que nos foi proporcionada pela comunhão da experiência da percepção vai-se esboroando, vai-se dissolvendo para tornar-se outras coisas, ou talvez ainda natureza, apesar de tecnificada (SILVA, 1993: 42). Tal fenômeno de pulverização do ser humano tem contrapartidas, a exemplo do revolucionário tempo lento (dos pobres) em Milton Santos (1994:83) e conforme descrição de Werther Holzer de certo “apego” territorial:

"Apesar dessa proximidade (distância entre periferia e o núcleo metropolitano), muitos grupos mantêm, ainda hoje, uma dinâmica alheia ou pouco integrada às de uma região metropolitana gigantesca e 'globalizada'. Assim, pude encontrar, a dois quilômetros da praia de Itaipu, no Engenho do Mato, em Niterói, crianças de até doze anos que nunca haviam visto o mar; em Araruama, uma senhora de 104 anos, filha de escrava, que nunca havia saído da fazenda Parati onde nascera, localizada a apenas seis quilômetros do centro da cidade; um trabalhador braçal de um condomínio, com cerca de trinta e cinco anos, que só ia ao centro de Maricá, tradicionalmente denominada Vila de Maricá (à época, cidade com cerca de 100.000 habitantes), apenas para fazer as compras de mês, e que esteve pela primeira vez no centro de Niterói, distante 35 quilômetros, quando do nascimento do filho. São experiências intensas de lugar, a partir de lugaridades estabelecidas há gerações, e os limites desses territórios estão

solidamente estabelecidos, assim como a identidade de *insiders* e *outsiders* é plenamente reconhecível. A esses grupos podem ser atribuídas paisagens residuais ou de exclusão". HOLZER (2015:26).

Werther Holzer adverte, com uma ideia que é crucial em nossa reflexão, que não devemos ignorar esses territórios e paisagens, pois seria sinônimo de extinguir lugares e lugaridades, "uma vez que todos nós, em maior ou menor grau, compartilhamos lugares que já não existem, que têm significado apenas como lugaridades". HOLZER (2015:26).

Lugar pode ser vislumbrado pelo pensamento de Maurice Merleau-Ponty quando este o evoca como experiência que, embora situada, dá-se sem ponto (de vista) fixo. O filósofo fala em movimento, de si e com as coisas, de paisagens que se abrem conforme nos cruzamos, entrevistamo-nos: o mundo criado me avista e desliza enquanto por ele passo e o miro; tudo está em movimento nessa geografia em campo movediço. (1999:344; 2005:130,142-3).

Lancemos mão da percepção que para Maurice Merleau-Ponty é responsável pela captação do "momento originário", ainda inteiro, e propõe a retomada radical do "problema da racionalidade: 'a percepção como encontro com as coisas naturais está no primeiro plano de nossa pesquisa, não como uma função sensorial simples que explicaria as outras, mas como arquétipo do encontro originário". Moutinho (2004:276). O filósofo convida-nos, aos cientistas principalmente, a lembrar das origens do que se toma por conhecido:

"Ora, a história que o fenomenólogo entende retomar é justamente essa, a que nos leva à objetividade, é a história de sua constituição, objetividade que vem ao mundo quando a percepção 'refaz os seus passos, os contrai e os fixa em um objeto identificável, passa pouco a pouco do 'ver' ao 'saber', e obtém a unidade de sua própria vida', quando ela retoma, 'a cada instante, sua própria história na unidade de um novo sentido' — 'novo' porque essa unidade idêntica foi constituída, e não dada de início. Justamente aí reside a 'dimensão constitutiva' da percepção, constitutiva da objetividade, o que exigirá certamente uma nova intuição do tempo capaz de responder a essa retomada direta do passado que permite constituir uma unidade, uma identidade — retomada que, justamente por concluir aqui em uma objetividade, termina por 'contrair' a espessura da duração escoada, por 'reunir' o que foi repartido em 'vários pontos do tempo', reunião e contração que consistem justamente na passagem à objetividade: (...). A história da constituição é a história da passagem da multiplicidade à identidade. Assim, em vez de dizer que a percepção é uma 'ciência iniciante', o que lança sobre ela objetividades que em verdade ela constitui, será preciso dizer, ao contrário, que a ciência 'é uma percepção que esquece suas origens e se crê acabada', já que não apenas a evidência da ideia tem mesma história que a da percepção, mas é uma história que a ciência ignora. O projeto de Merleau-Ponty é retomar esta história (...)". L. D.S. Moutinho, 2004:278-9).

Acrescenta L.D.S. Moutinho que “a percepção é a ‘via real’ para o originário, para o primitivo, envolvendo todas as dimensões da experiência; esta, que nos entrega um ‘logos’ em estado nascente... ‘e nos ensina’ as ‘verdadeiras condições da objetividade’”. Moutinho (2004: 277).

Apelando para as qualidades de unidade e de integração da existência, assumimos que a coisa *é junto* ao corpo, percebo-a com o corpo em sua atividade e passividade (movimento de ativação histórica, reativação da sedimentação das vivências), portanto eu não constituo a coisa, eu não a ponho ativamente. Posso, sim, transfigurá-la, por meio da transformação dos objetos e de suas relações. Camacho (2008). Para Maurice Merleau-Ponty o sujeito do conhecimento está atado às coisas. Estamos no mundo da vida de Edmund Husserl, suposto nas formulações de Maurice Merleau-Ponty sobre o conhecimento. A partir daí, o corpo é o sujeito inteiro, “corpo habitual” e “corpo atual”, formado pelas dimensões física, vital e simbólica, que evoca a unidade de que estamos falando:

O corpo habitual é essa “quase-presença’ do passado; não é uma imagem que podemos evocar, não são traços gravados no corpo, não é, portanto, uma presença objetiva; essa existência habitual, anônima, pré-pessoal, não é uma coisa inerte, como o em-si, mas esboça, também ela, o movimento de existência — o que só uma descrição da percepção como forma temporal permite mostrar. O meu presente assume o corpo habitual e o reintegra à existência pessoal, de modo que mesmo os reflexos não estão delineados em um fundo inerte, mas, também eles, ‘têm um sentido’, também eles manifestam ‘o estilo de cada indivíduo’, na medida mesma em que eles se inserem em uma situação presente, ou melhor, em que são retomados por uma situação presente, que, por sua vez, é voltada para o porvir. O meu passado [significado do passado] só é passado porque é ‘retomado em um novo movimento’, porque é assumido pelo presente. E esta relação é de mão dupla. O sedimentado, embora retomado pelo presente, é o solo sobre o qual se estabelece a consciência presente: ‘a consciência conserva atrás de si as sínteses efetuadas, elas ainda estão disponíveis, poderiam ser reativadas’, de modo que ‘a consciência só é consciência de algo arrastando atrás de si seu rasto, [...] para pensar um objeto, é preciso apoiar-se em um ‘mundo de pensamento’ precedentemente construído’”. Luis Damon S. Moutinho (2004:281ss).

Ponto forte de seu riquíssimo trabalho é a opção pela sustentação da tensão e da ambiguidade como quesitos inclusive científicos, acrescentando que “o inferior, a forma física, aquilo sobre o qual a existência pessoal vai se assentar tornar-se-á o passado, o sedimentado, devidamente engrenado à existência pessoal, que é a forma superior, e formando com ela um único ser”. Moutinho (2004: 281ss).

O que estiver envelhecido por fora como quer a dinâmica da "destruição criativa" dos ambientes nas cidades em franca promoção das "novidades" que lhe serão determinadas de fora do

espaço distante como as "totalidades do diabo" ou cavalos de Tróia de Milton Santos (1979).

Aqui, devemos combinar os pensamentos analítico e perceptivo (Merleau-Ponty, 2006:206), aliados na tentativa de dissipar, ou melhor, *situar* a confusão entre vivências, tempos e lugares, cujas durações se propagam em feixes ou cadeias de ações, coexistentes e com alcances os mais variados. Bergson (1999:149-150; 2006:55-6).

A propósito desse movimento que nos lança no espaço e criamos junto com os lugares e objetos as suas essências e representações, acomete-nos a metáfora da cartografia cutânea de todo o território da aldeia tatuado no corpo de seu líder espiritual, o bruxo de Alan Moore (2012). Criação que evoca imagens de controle pleno e organicidade dos ritmos das transformações vividas pelos envolvidos, diferentes da alienação dos processos instrumentais. E somos lançados nesse espaço em busca de identificação, de referências em meio externo a ser moldado, marcado.

Vamos da ficção de Moore às recordações de Raymond Williams carregadas de afetividade, evocativas de sua memória com forte acento geográfico, ao modo de uma cartografia emocional bastante detalhada por conta de suas vivências atravessadas pela espacialidade das localizações das atividades dos familiares que herda com suas raízes parentais. A afetividade é enaltecida pela patrilinearidade, quando conta do avô, do pai, passando por ele mesmo cuja historicidade e territorialidade conhecida lhe permitem atribuir valores sentimentais aos lugares ocupados e desocupados por moradia e trabalho dos protagonistas de sua narrativa, reconhecendo valores diversos, inclusive monetários. Fala da transformação territorializada das redes pessoais, institucionais e corporativas, constituídas pelos sujeitos de sua história pessoal. Williams (2011:15-21).

A genealogia dramática de Williams liga verticalmente e horizontalmente os lugares, constituindo lugaridades (ou microterritorialidades, no sentido de essências empregado por Holzer, 2015:24-5) pelas biografias de seus familiares mais próximos que conectam campos e cidades, com a mediação simbólica da aldeia em que também ele próprio morou, que lhe possibilitou vivenciar essas realidades conceituadas. (2011:122-3,127,133).

A recorrência do reviver expressa busca da unidade temporal e espacial da consciência dos acontecimentos contra a fragmentação; atividade e passividade do sujeito das vivências e do conhecimento por meio da memória. Sobre a pesquisa de Ecléa Bosi, afirma Marilena Chaui em prefácio que além de exposição sobre a categoria da memória, em suas dimensões objetiva e subjetiva, representadas respectivamente pelas obras

clássicas de Durkheim e de Bergson, há o resgate da memória do trabalho com seu tempo e espaço despedaçados nas recordações dos entrevistados. Resgate que visa reencontrar nexos nas lembranças que se quebram, no mundo que se fragmenta. (BOSI, 1987:XXXII-XXXIII).

Tais alusões põem-nos a pensar sobre o quanto até mesmo o trivial nos escapa: o que é o condomínio ou a rua em que moramos? Não dominamos os ingredientes e a profusão de aditivos artificiais do que compramos nos supermercados e o que comemos nas cadeias *fast food*! Também não fazemos ideia de como a profusão de máquinas que permeiam nossas vidas funcionam. O que são e de onde vêm os materiais que compõem os objetos e de nosso redor! E segue uma imensa lista de *ignorâncias*. Como reviver o passado num presente que também nos escapa? Incidimos em questão primeva da ontologia com Parmênides e Heráclito: como identificar aquilo que permanece em meio às mudanças? Ou: como caminhar "no campo", do modo heideggeriano? (Heidegger, 1969).

O problema fenomenológico e geográfico da ação situada é que há múltiplos tempos e, com a expansão das redes de informação, "variados lugares" trespassando-se, incidindo no mesmo lugar, perfazendo muitas memórias de inúmeras pessoas, com a contradição de serem as lembranças cada vez mais dificultadas pela transformação-destruição constante das formas físicas e relações que as envolviam.

A sensação de que nossa existência articula muitos lugares ao mesmo tempo é objetivo mercadológico promovido por meio da *vida de superfície*, sem vivências compartilhadas ou raízes, porém ao olharmos ao redor não encontramos o que procuramos, no *agora sem passado*, nem no passado desenraizado, como querem os grandes incorporadores e promotores imobiliários de cidades.

Werther Holzer traz o movimento pela ótica do deslocamento de viajantes (os primeiros viajantes europeus do novo mundo), associando-os aos turistas do século XX em sua relação superficial com o sítio, "seus contatos com as pessoas são rápidos e descontínuos. Sua vida é um eterno movimento, sem pausa, sem estabilidade suficiente para o acúmulo de experiências relativas a um único sítio". HOLZER (2000:118). Lembro-me do papel encenado por Sean Pean no filme *Dogma do amor* (2003), em que o ator não mais consegue permanecer em terra, passando todo o tempo embarcado em aeronaves.

Com vínculos reduzidos somos sujeitos de "subjatividade territorial esvaziada", isto é, vivemos em contínuo desenraizamento da consciência imersa em paisagens imiscíveis. Desse modo

aumenta a importância da situação, pois lugar é "mundo de significados organizados em torno das noções de corpo, distância, direção, de um receptáculo de memória". HOLZER (2000:114). Assim, sua

"constituição exige que todas as lacunas, todos os esquecimentos, sejam harmonizados pela rotina da vida quotidiana. Esta vivência e a experiência preenchem generosamente estas lacunas da memória, constituindo um ambiente integral que torna nossas ações mais seguras. Neste sentido, para os viajantes não existem lugares, não existe a segurança do conhecimento nem a certeza do tipo de decisão a ser tomada. Pode-se dizer que para os primeiros viajantes europeus não existe a memória dos lugares, a não ser a dos lugares dos outros. Assim, eles só transmitiam a memória das paisagens". HOLZER (2000:119).

A ideia é corroborada pela condição existencial muito poderosa do lugar de sonhar, e com ela E. Lévinas estabelece a ideia de permanência no mundo veloz e fugaz, uma síntese que vai muito além da passagem e do encostar e dormir casual e fortuito, da entrega do corpo ao cansaço. E. Lévinas (1998).

E, lançando luz em nosso problema em encontrar os fios com os quais costuramos e nos unimos às atividades que, desse modo, nos envolvem em sentidos. A geografia permite, então, encontrar a vida que acontece num lugar cujas ações se territorializam num campo de forças, sedimentam-se como paisagem, sendo as regiões definíveis pela trama da ocupação, intermediária entre lugar e território conforme Joël Bonnemaïson (1981:256, 261). O problema originário quanto ao que somos requer que nos debruçemos sobre o fluxo dos vividos, procurando sua identidade conosco pelas experiências; eis a entrada geográfica a ser alimentada pelas experiências de integração entre consciência e coisas, desde a *geografia vivida* (nossa vida cotidiana espacializada) até *geografia ciência* (sistematização de práticas e procedimentos de enunciados, testes e avaliações que "se esquecem" da situação).

Apresentamos uma ilustração das dificuldades em refazer a unidade do de nossas experiências no mundo da vida com uma cena do filme *Avalon*, de Barry Levinson. *Avalon* é referência a um bairro central de Baltimore (USA), primeiro lugar constituído por gerações de uma família de migrantes poloneses em princípios do século XX.

Avalon tem seu foco narrativo no passado e em sua recorrência os protagonistas têm versões distintas dos acontecimentos que compartilharam. No mesmo filme nos são apresentadas muitas transformações nas dimensões físicas e pessoais da cidade de Baltimore (Estado de Maryland, nos EUA), por meio do exercício de memória. Memória dos usos atribuídos às regiões da cidade e, por fim, todo o emaranhado das idas e vindas dos familiares ao passado que, ao modo do leito de rio caudaloso que carrega tudo que para ele se dirige, também vai conferindo sentidos às

histórias trazidas para o presente.

É assim que nos são contadas anedotas familiares, como a vinda do patriarca da família polonesa, trazido da "antiga pátria" pelos filhos, o fato de que ele jamais bebia água, pois desconfiava de sua qualidade por ser encanada. Também vemos o avô *Sam*, principal narrador e detentor da memória familiar, contador das histórias da família toda, com as dissonâncias dos irmãos, cunhadas e sobrinhos.

Na poderosa cena na casa de repouso na qual *Sam*, já com problemas de saúde, e de *memória*, passa a devanear sobre os lugares em que viveu suas maiores aventuras, em presença do bisneto e do neto querido que o está visitando e a quem ajudou a criar. Seguem falas do trecho final do filme.

Chegada dos netos à casa de repouso; cumprimentos e início da conversa:

"- Quer ver *Sam Krichinsky*?

- Sim, sou *Michael Kaye*, neto dele.

- Sabe o caminho?

- Sei.

- Meu filho precisa disso? [*credencial para o bisneto de San*]

- Não, tudo bem.

Devaneio, já no quarto, em presença dos netos!

No final, gasta-se tudo que guardou...

...vende-se tudo que possui...

...para vir viver num lugar como este.

- Está namorando?

- Já te disse. Eu me casei.

- Você se casou?

- Sim.

E este é meu filho. O nome dele é *Sam*.

Não deve dar o nome de alguém vivo.

Eu sei.

Sabe"?

Aumento da tensão; ápice dramático com tema da identidade ligado ao nome da família, tão caro ao protagonista que é baluarte do conhecimento histórico, memorial e das pequenas histórias (fragmentos, anedotas, trechos de casos) familiares:

"Mantenha o nome da família.

Há alguns anos, fui ver a casa em *Avalon* (bairro central na cidade de Baltimore, Maryland, EUA).

Não estava mais lá.

Não só a casa, como toda a vizinhança.

Fui ver o salão...

...onde eu e meu irmão íamos tocar.

Também não existe mais.

Não só ele.

Mas o mercado onde fazíamos as compras também.

Tudo se foi.

Fui ver o lugar onde Eva morava...

...perto da Rua *Poplar*.

Não está mais lá.

Nem a rua existe mais.

Nem mesmo a rua.

Então, fui ver...

...o clube noturno do qual fui dono.

E, graças a Deus, estava lá...

...porque, por um instante, pensei que eu nunca tivesse existido.

Se soubesse que as coisas acabavam, teria tentado...

...me lembrar melhor.

Sinto sua falta, Sam.

Ceguei à América em 1914.

Ceguei à América...

...em 1914".

E com as perguntas do bisneto Sam a seu pai, este começa a narrar a história da família exatamente nas mesmas palavras e entonação do avô, história que perpassa todo o filme, alinhavando os sentidos e os porquês da família ser como é e de morar onde mora, essas coisas:

"Ele fala engraçado.

Ele não nasceu aqui.

Não nasceu em Baltimore?

Não.

Chegou à América em 1914.

Era o lugar mais lindo que já tinha visto.

Nossa bandeira ainda estava lá".

Assim, parece que a família e os laços de parentesco são como cordas lançadas para lugares e vivências que nos chegam de algum modo e às quais chegaremos com maior qualidade e mais nuances entendendo melhor os atributos da memória e as lembranças daqueles que têm outras perspectivas dos eventos vividos, convividos.

A vida como aventura de personagens erráticos em busca de lugares inexistentes...

"Aquiles, símbolo de rapidez, tiene que alcanzar a la tortuga, símbolo de morosidad. Aquiles corre diez veces más ligero que la tortuga y le da diez metros de ventaja. Aquiles corre esos diez metros, la tortuga corre uno; Aquiles corre ese metro, la tortuga corre un decímetro; Aquiles corre ese decímetro, la tortuga corre un centímetro; Aquiles corre ese centímetro, la tortuga un milímetro; Aquiles el milímetro, la tortuga un décimo de milímetro, y así infinitamente, de modo que Aquiles puede correr para siempre sin alcanzarla. Así la paradoja inmortal". –**Jorge Luis Borges** (1995).

"O movimento, expresso pela *Lebenswelt*, a vivência cotidiana, faz com que os lugares tornem-se instáveis e variem intensamente de escala". –**Werther Holzer** (2015:24).

Borges acha o paradoxo de Aquiles uma "joya", um tesouro, "tan indiferente a las decisivas refutaciones que desde más de veintitrés siglos la derogan, que ya podemos saludarla inmortal". A razão de aqui o trazermos é a alusão a objetivos inalcançáveis; e assim juntamo-nos a Lowenthal (1998:67-8,70-5) quando atribui ao tão necessário passado qualidades de incognoscível, estrangeiro, imaginário, entre outras que denotam sua lugaridade fugidia.

Borges e Holzer apontam, respectivamente, para a complexidade da duração e da recorrência em reviver acontecimentos com formas conhecidas quando as vivemos, seja em primeira, segunda ou terceira pessoas e com as quais mantemos maior ou menor fidelidade; isto é, fantasiemos mais ou menos conforme nos afastamos da experiência em que estivemos submersos, emaranhados.

Cada presente, assim como um rio, nasce com chance de ser vivido em sua plenitude apenas no momento de sua ocupação pelos corpos-sujeitos e considerado em todo seu percurso a partir daí, com a presença humana tão somente evocada pelas recordações no fluxo dos vividos, e cuja geografia transforma-se em paisagens de lembranças nuançadas que se vão embaçando no fluxo dos vividos, das informações e das tentativas de reconstituições, ao modo de Lowenthal, da memória, da história e dos fragmentos (1998:66-7), compondo um conjunto indissociável com o que somos.

As possibilidades da unidade para Maurice Merleau-Ponty de coisas e instantes [e

situação] são dependentes da subjetividade, e "o tempo objetivo", segundo o autor, "não seria nem mesmo suscitado se não estivesse envolvido em um tempo histórico que se projeta do presente vivo em direção a um passado e a um futuro". (1999:446).

"A pretensa plenitude do objeto e do instante só surge diante da imperfeição do ser intencional. Um presente sem porvir ou um eterno presente é exatamente a definição da morte, o presente vivo está dilacerado entre um passado que ele retoma e um porvir que projeta". Maurice Merleau-Ponty (1000:447).

E se o movimento retrospectivo integra nossa condição humana, é em meio à angústia que se dá o impulso de resgatar algo dos acontecimentos de que fizemos parte, procurando revivê-los; espécie de utopia em direção à nascente, à montante dos fluxos. São tramas de eventos que incorporamos.

Admitamos que haja algo de inalcançável nesse procedimento psíquico e cultural (quase físico!) de alinhamento com o passado, este será sempre algum lugar ao qual procuraremos, paradoxalmente, atribuir "o mesmo sentido". Suponhamos, então, obstáculos à contínua retomada dos eventos sedimentados em nossas paisagens; procuradas, quer seja pelos mais diversos impulsos, quer seja por reflexão. São buscas precárias daquilo que foi vivido em meio a coisas e pessoas *no passado* a ser resgatado, alimentado pela sucessão e variedade de lembranças.

O cunho instrumental e tecnocrático de nossa vida social alimenta também, em menor grau, tais buscas *no futuro* com a obsessão pelo projeto em esforço de futurologia calculada no artifício do planejamento; o que nos leva, pela comparação, de volta à sensação ampliada de perdas à medida que mais buscamos reviver situações não mais possíveis de serem vividas e tentamos garantir, com a previsão, que isso não aconteça, pela força da norma imposta à nossa geografia atual. A superposição é impossível a não ser em raras experiências epífanicas, místicas. A modernidade trouxe consigo o ideal de *linearismo* e previsibilidade que degeneraram em universalização de uma espécie de *modelo de ansiedade de gestão das ações*, como fragmentação do vivido; aquilo que Hannah Arendt (1989:96, 318-9, 335-6) identificou como derrota do *homo faber* do fazer cíclico pelo enquadramento da vida à condição processual.

Por outro lado, é estimulante saber que a utopia de nos tornarmos inteiros procura completar-se também a jusante como aquilo que ainda não teve lugar, ação com poder de lançá-los mais adiante na construção de mundos, possível porque, como afirma Merleau-Ponty, "a totalidade não é uma aparência, é um fenômeno" (2006:248) perceptível e, portanto, ao ser compartilhado, será configurado de modo individual e coletivo.

Salta aos olhos o papel das famílias como condutoras dos fluxos de vividos por

caminhos que acontecem entre durações (ritmos e alcance) diversas a procura dessa unidade temporal de lugaridades, pois com toda a sua variedade de laços, formam pontes baseadas no presente. Borges, por meio da fábula, e Barry Levinson, do filme, apontam circunstâncias dessa angústia inerente ao impulso elementar de chegar aos lugares, tanto àqueles da ação passada quanto àqueles procurados no futuro.

Fazer objetos (ou apenas participar de sua aparição) e enredá-los na criação da trama de nossas vidas é ganhar a natureza como mundo, natureza a qual partilhamos por meio do corpo numa ontologia comum (somo do mesmo material que a Terra). É assim que o fazer e a arte que leva até os artefatos podem de certo modo nos redimir, posto que sejam expressões da fertilidade da terra fecundada pelo saber-fazer humano em criação, abrindo-nos uma janela da qual nos permite avistar algo dessa natureza comum a ambos no momento mágico em que o natural vira utensílio.

A confecção dos objetos atua como estabelecimento de fios na tessitura dos lugares com nossas vivências. Daí, a omissão em fazer e ou entender objetos do mundo é separar-se pela ignorância e pela abstração dos porquês de toda a inominável, imensurável esfera de produtos industriais e seus serviços anexos; é alienar-se do mundo que se vai tornando dos outros virtuais nas redes de relações (sem o princípio Eu-Tu de Buber). Por meio da indústria moderna promovemos o apagamento do saber, que se torna fragmentado e desconexo; exterior a si mesmo.

Perdemos a matéria e a organicidade do saber técnico que é relação entre coisa e artífice, entretanto por baixo da máxima moderna de conquista da natureza há nas camadas profundas o respeito (e até mesmo o temor) de outros tempos, que assumia o desconhecido, inclusive atribuindo-lhe funções sociais, como ao mistério, muito importante segundo Merleau-Ponty (2005:128,133).

Nesse caminho encontramos o sapateiro e os sapatos de Gilbert Durand (1995:13-9), o saber ativo da manufatura a partir da originalidade do corpo e das coisas da natureza, em Hannah Arendt (1989:15,90-6), com menor impacto o "pensar com as mãos" de Richard Sennett (2009, 18,62-5), a sensibilização, a humanização e até mesmo a organização social pelo artesanato, de Octávio Paz (2007). Estamos trabalhando com as posições desses autores como material de continuidade da reflexão que aqui

empreendemos.

Desse modo, trabalhar a terra, lagos e rios, mas também motores à combustão e circuitos integrados de computador *sem* propósito cósmico, ritualístico, tende a afastar o homem das possibilidades de construção de sentido existencial intrínseco do extrair, plantar, fabricar nossas ligações com a Terra em meio a coisas e objetos que a ela nos enredam pela geograficidade, levando-nos dos vínculos mais imediatos nos lugares a acontecimentos apenas às mais das vezes imaginados, com auxílio das informações e notícias. Quanto a essas possibilidades existenciais, Werther Holzer afirma que:

“Se o espaço geográfico nasce de uma relação existencial do homem com a Terra, afirmo, com base em um aporte fenomenológico, que ele tem como essência a 'geograficidade', que expressa a razão de ser do homem no planeta Terra, ou seja, delimita e determina a sua possibilidade de existir como ser-no-mundo”.
(HOLZER, 2015:20)

Somam-se questões: E como ficamos na busca frustrada pelos lugares "reais", aqueles vividos com o corpo inteiro ao longo das diferentes e concomitantes durações nas quais nossos atos reverberam? E quais as possibilidades de convergirem as experiências, diante da morte e da perda do lugar presente, com o tempo? Onde existem os lugares de nossas experiências? Apenas em nossas mentes e em nossos devaneios mais íntimos, compartilhados com número de pessoas que se vai reduzindo ao longo da vida? Como vencer a fluidez dos fatos sem amarras, âncoras em pontos fixos? Como utilizar as paisagens, mutáveis, elas também, para ver o que não mais existe, senão em vestígios? Usar telas e fotos? Como mapear objetos e relações que não existem? Mapas memoriais? Mapas mentais? As lembranças podem atrapalhar a vida do aqui e agora, ao querê-las perpetuar?

Questões difíceis que perduram ao término deste texto.

O caminho que estamos fazendo acerca-se das essências desses lugares que nos assombram. As lugaridades são o que temos desses lugares transformados com suas coisas e objetos vividos e são esses lugares vividos com os quais de várias maneiras estamos continuamente interagindo; lugaridades envolvem as coisas e as tramas de ações intencionais. As coisas evocadas pela coisalidade remanescente são visadas, alteradas (adulteradas?!) por outros e, de certa forma, por mim ou em mim mesmo, que interfiro no lugar sede atual das imagens que me acompanham.

As cidades contemporâneas e a urbanização que alimentam põem tudo em franca obsolescência, envelhecendo os usos e os lugares o tempo todo e cada vez mais rápido. É um trabalho que se vai tornando paisagens, e como tais, mais distantes das sensações e percepções que

lhes dariam vida plena; é o passado do eu-isto, de Buber.

As perdas de objetos arquitetônicos e artísticos a utensílios domésticos... Não reconhecimento das coisas porque têm que ser novas, novíssimas sempre! A percepção está sempre se iniciando, pois são as raízes cortadas...

Há graus de tensão entre perceber e transformar. Enquanto percepção envolve experimentar e enraizar, transformação acarreta perder e dissolver relações e sentidos. O real é engessamento e sempre instantâneo, enquanto a situação será sempre movimento de tornar-se percipiente e, novamente nos "mesmos lugares" desdobrados; o lugar é que se estrangeiriza, com os habitantes! O tempo promove essa comunhão com o desconhecido.

Por mais que nos agarremos às coisas, elas se esvaem rapidamente, em intervalos de checagem cada vez menores! De um feriado a outro, desaparecem casas que, vendidas, compradas, agora debaixo do novo edifício que se impõe a todos que refariam os laços, as amarras com o conhecido, agora no mundo da destruição criativa as mãos não agarram nada dos lugares alisados com corte nos fios de significados já compartilhados, com poucos elementos para retenção e propensão.

Mundo de arruamentos desfeitos-refeitos, comida e bebidas falsas, sabores inexistentes, desaparecidos, pratos nunca mais provados, a memória e eu dançamos roda, não ando por ela, ela me habita com algo dos lugares que vamos procurando, com bússolas sem norte.

A paisagem vira quadro, foto; a paisagem registra o roubo das formas e da juventude de gerações! Nós que aqui estamos por esses lugares procuramos, tal como errantes criaturas sem eco de anseios os mais diversos: cafés aconchegantes e de aconchego; bares que nunca mais terão número e endereço racionalmente pronunciável... até porque os dados se embaralham – como as vãs tentativas de explicar para alguém onde ficava uma casa ou prédio que te abrigou na infância há quarenta ou cinquenta anos! Nem nos damos conta de que os valores são móveis, as esquinas caminham, os demais formadores do casario não estão lá também, é como em “A cidade das sombras” (1998) de máquinas alienígenas levantando prédios-máquinas que sobem e descem todos os dias, mudando o cenário a todo instante, impossibilitando acostumar-se, instaurar paisagens, são como paisagens ampulhetas...

Como nadar num rio que secou ou foi redirecionado? Como subir um morro que foi terraplanando? Como passear numa loja que foi desfeita? Como caminhar em ruas que são outras? Como procurar objetos e rostos que não existem mais?

Mais indícios dos territórios moveáveis: sabores que morreram com as pessoas por eles responsáveis. Nenhum edifício sobrevive além de sua biografia, receitas são perenizadas quase a força de decretos, como a lei alemã da pureza da cerveja; as denominações geográficas determinam qualidade pelo *terroir* par além da arte e do artefato, centros de tradições culturais mantem mitos, símbolos e lendas de grupos e regiões (CTG dos gaúchos e CTN dos nordestinos), cartões postais projetados pelo planejamento turístico que pereniza (às vezes, paralisa) paisagens e atividades, e seguiria lista interminável.

Como conviver com lembranças sem receptáculos? Como fazer algo mais que virtualizar o passado e seus lugares? Mapeá-lo, talvez, para aí encontrá-lo, procurando refugio nas representações sem resvalar no lugar *para-si*? Como lidar com essa geografia que vira lembrança? De qualquer modo, como fugir da criação de lugares fantasmas, quando apegamo-nos à sua lembrança sem que os alinhemos com a existência de sua duração com presente, o seu futuro, dos quais precisamos ser exorcizados ou reincorporados?

Encontrar suas virtudes (potências), de modo didático e metódico desde a educação básica parece ser uma das soluções. Promover uma relação de aprendizado entre a criança e os lugares, descobrindo identidades e as dimensões do movimento arrebatador; aprender a lidar com ele, melhor do que as gerações anteriores.

Feitas essas considerações, vislumbramos uma geografia com corpo e instrumentos que permitam reconhecimento *tanto* da perda inexorável dos lugares realizados pelas práticas e a partir do momento de sua realização, inalcançáveis, *quanto* das durações de nossos atos e ações em ritmos e distâncias distintas que se estendem para o presente e nos apoiam na estruturação do que somos. Há coexistência dessas durações e coerência quando as interpelamos, mas não necessariamente convergência, pois as durações têm, como vimos, tempos próprios de vitalidade e permanência no campo ao qual a memória dá vida. É um caminho em que não nos contentam as fantasmagorias e simulacros.

A alternativa, então, parece ser o reconhecimento da potência das lugaridades como essenciais à construção de identidades alinhadas a uma memória coletiva de modo mais coerente possível.

Referências Bibliográficas

ARENDT, Hannah, A condição humana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

- BAUMAN, Zigmunt. Em busca da política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.
- BERGSON, Henri. Ensaio sobre os dados imediatos da consciência. Lisboa: Edições 70, 1988.
- BERGSON, Henri. Matéria e memória. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BERGSON, Henri. Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BONNEMAISON, Jöel. Voyage autour du territoire. L'Espace géographique, v.10, n. 4, 1981. (p.249-262).
- BORGES, J. L. Discusión. Buenos Aires: Manuel Gleizer, 1932. 161 pp. La perpetua carrera de Aquiles y la tortuga / Avatares de la tortuga. In: Discusión. Madrid: Alianza, [1932].1995.
- BRUSEKE, F. A lógica da decadência: desestruturação socioeconômica, o problema da anomia e o desenvolvimento sustentável. Belém-PA: Cejup, 1996.
- BUBER, Martin. Eu e tu. São Paulo: Centauro, 2001.
- CAMACHO, A. R. A geografia no nascimento do mundo: existência e conhecimento. Tese de Doutorado. São Paulo-SP, FFLCH-USP, 2008.
- CAMACHO, A. R.; GERALDES, E. A experiência geográfica da constituição do lugar: a reconquista da essência. In: XVI Encontro Nacional de Geógrafos – ENG, 16, 2010, Porto Alegre. Anais. Disponível em: < www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=3247 >. Acesso em 1.2.2014. ... Porto Alegre: AGB, 2010.
- CAPRA, Fritjof, A Teia da Vida. Cultrix e Amana-key, São Paulo, 1997.
- CROSBY, Alfred W. Imperialismo ecológico. São Paulo: Companhia das Letras,

HEIDEGGER, Martin. Sobre o problema do ser; O caminho do campo. Livraria Duas Cidades, 1969.

HOLZER, Werther. Sobre territórios e lugaridades. Cidades. Vol. 10, No 17, 2013.

HOLZER, Werther. Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In; MARANDOLA, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. Qual é o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

HUSSERL, Edmund. La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendentale. Paris: Galimard, 2004.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, São Paulo: EdUNICAMP, 1990.

LÉFÈBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

LÉVINAS, Emmanuel. Da existência ao existente. Campinas-SP: Papirus, 1998.

LEVINSON, Barry (direção e roteiro). Avalon. EUA, 1990.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. In: Projeto história: trabalhos da memória. São Paulo: PUC-São Paulo, n.17, nov. 1998a. (p.1-445).

LOWENTHAL, D. Fabricating Heritage. History & Memory. 10, 1, 5, 1998b. ISSN 0935560X. (p.5-24).

MERLEAU-PONTY, M. A fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. O Olho e o Espírito, Lisboa, Vega, 1992.

MERLEAU-PONTY, M. O visível e o invisível. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MERLEAU-PONTY, M. Primado da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

MERLEAU-PONTY, M. Signos. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MIRANDA, José A. Bragança de. Geografias imaginárias da Terra. In; MARGATO, I.; GOMES, R. C. Espécies de espaço: territorialidades, literatura, mídia. Belo Horizonte:

EdUFMG, 2008.

MOORE, Alan. A voz do fogo. São Paulo: Conrad, 2012.

MOURA, Alex de Campos. A relação entre liberdade e situação em Merleau-Ponty, sob uma perspectiva ontológica. Dissertação de mestrado. São Paulo-SP, FFLCH-USP, 2006.

MOUTINHO, Luiz Damon Santos. A ontologia do vivido. Tese de Doutorado. São Paulo-SP, FFLCH-USP, 1998.

MOUTINHO, Luiz Damon Santos. O sensível e o inteligível: Merleau-Ponty e o problema da racionalidade. *Kriterion.*, Belo Horizonte, v. 45, n. 110, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2004000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 Fev 2007. doi: 10.1590/S0100-512X2004000200005.

PAZ, Octavio. O uso e a contemplação. *RAIZ*, 2007, Edição n.3. Disponível em: <http://revistaraiz.uol.com.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=102&Itemid=116>. Acesso em 1.2.2014.

PROYAS, Alex (direção). *CIDADE DAS SOMBRAS (Dark City)*. Ficção com duração: 101 min. EUA, 1998.

SANTOS, M. A. natureza do espaço. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. Técnica, espaço, tempo. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M. A totalidade do diabo: como as formas geográficas difundem o capital e mudam as estruturas sociais. In: _____ . Economia espacial: críticas e alternativas. São Paulo: Edusp, 1978. (p. 153-167).

SANTOS, Myrian S. dos. "O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado". *Revista Brasileira de Ciências Sociais, Anpocs*, 23: 70-85. 1993.

SEEMANN, Jörn. Regional Narratives, Hidden Maps, And Storied Places: Cultural Cartographies Of The Cariri Region, Northeast Brazil. A dissertation Submitted to the

Graduate Faculty of the Louisiana State University and Agricultural and Mechanical College in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy in The Department of Geography & Anthropology, 2010.

SERRA, J. M. Paulo. O Devir e os Limites da Ciência. Coleção Artigos LUSOSOFIA. Universidade da Beira Interior. Covilhã, 2008.

SERRES, M. Os cinco sentidos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SILVA, Armando Corrêa da. A geografia humana e a abordagem naturalista. In: SOUZA, MAA; SANTOS, M; SCARLATO, FC; ARROYO, M. O Novo mapa do mundo: Natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1993. (p. 42-45).

VINTERBERG, Thomas (direção). DOGMA DO AMOR (It's all about love). Drama com roteiro de Mogens Rukov, Thomas Vinterberg. Duração: 104 min. 2002.

WENDERS, Win (Diretor). Até o fim do mundo (Título original: Bis ans Ende der Welt. Títulos Alternativos: Jusqu'au bout du monde/Until the End of the World). Alemanha, França, Austrália. Longa-metragem / colorido. Drama, ficção. (280 min), VHS, son., color., 1991.

WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade; na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.